



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6866 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 22 - Educação Ambiental

MULHERES DO CONGO: EDUCAÇÃO E OUTRAS ECOLOGIAS

Andreia Teixeira Ramos - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

MULHERES DO CONGO: EDUCAÇÃO E OUTRAS ECOLOGIAS

Introdução

Este texto resulta de pesquisa de doutorado em educação concluída em 2018 (AUTORA) que apresentou narrativas das mulheres do congo, expressão cultural secular praticada por grupos de pessoas em um estado do país envolvendo dança, música e devoção, como práticas de re-existência ecologista nos cotidianos escolares. No estado onde realizei a pesquisa, existem aproximadamente 70 bandas de congo, prática mantida de geração em geração, cujas singularidades vêm sendo negligenciadas.

Inspirada na pedagogia freireana, pergunto-me qual meu posicionamento no mundo (FREIRE, 2014a), quais ecologias me habitam e quais se fizeram presentes na pesquisa. Estas questões remetem a uma geografia dos afetos que demarcam meu lugar no mundo como pesquisador. Nesse sentido, é importante repensar a dimensão política na pesquisa e suas configurações contemporâneas, com a produção de conhecimentos radicais, pertinentes e anticoloniais.

Mas de que ecologia estou falando? Como adensar a pesquisa a partir de uma perspectiva outra de ecologia?

Este texto se empenha em dialogar com elas, pois o que realizamos como pesquisadoras e pesquisadores, por pequeno que seja, nos transforma e transforma nossos cotidianos.

No diálogo a que me proponho, volto mais uma vez meu olhar para estas mulheres com as quais construí meu doutorado atentando para as práticas pedagógicas que se enlaçam com o congo. Ao longo da pesquisa, ao me envolver com as mulheres do e no congo, mudei minha percepção sobre minha própria história. Minha narrativa, portanto, não é individual, são narrativas coletivas que carregam elementos da história de um povo que é também a minha história.

Método

A pesquisa realizada se aproximou dos estudos com os cotidianos, e mais especialmente dos trabalhos e publicações de um grupo de pesquisa que trabalha com outras ecologias, buscando criar encontros na travessia do campo de investigação. Ao recorrer à pesquisa com os cotidianos, tentava “entender, de *maneiras diferentes* do aprendido, as atividades dos cotidianos escolares ou dos cotidianos comuns”. (ALVES, 2008, p. 19, grifo nosso). Assim, na tessitura dos fios da rede metodológica, trazemos uma perspectiva outra de ecologia articulada a uma educação com inspirações freireanas, apostando e exercitando o compromisso ético-político que envolve a ideia de cidadania planetária, dialogando com as macro e micropolíticas que compõem os cotidianos.

Para a produção de dados da pesquisa, utilizou-se registros em diário de campo, fotografias, cartas, cartões postais, conversas, narrativas, produzidos nos encontros e experiências que atravessaram as vidas das mulheres do congo, apostando em diálogos amorosos com os sujeitos da história (FREIRE, 2014a), e não apenas da pesquisa, as mulheres no congo. Assim tomamos o pesquisador-conversador (SPINK, 2008) como procedimento metodológico e de descolonização dos modos de pensar, em proveito da criação social e subjetiva. Desse modo, optou-se por um outro jeito de escrever e pesquisar.

Discussão e resultados

Nesse contexto, pensamos com Paulo Freire, que nos alerta sobre a importância dos princípios éticos “[...] como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas” (FREIRE, 2014b, p. 77), afirmando o potencial das práticas educativas ecologistas de caráter radical, crítico e libertador.

Essa pesquisa exercitou outras ecologias articulada com a educação, reafirmando uma posição política, porque age no mundo, ética, porque não ignora os tantos outros e outras, estética, porque criadora de existências belas e fortes, pedagógica, porque diz de um modo de conviver. Nessa perspectiva, a prática de re-existência ecologista no congo acontece nas relações de solidariedade entre os integrantes das bandas, que sustentam, no seu agir, o diálogo amoroso no enfrentamento das relações de opressão e poder. E é por isso que o congo persiste e resiste, ocupando por tantos séculos as terras de um estado do Brasil.

A prática do congo, predominante realizada por mulheres, pode ser considerada como luta miúda que se faz cotidianamente até os dias atuais. Uma mulher, para ser considerada *do congo*, recebeu o congo como herança familiar de seus antepassados. Já uma mulher *no congo* é aquela que se envolve por engajamento político, afetivo, solidário e ético. Assim, a pertinência da pesquisa com as mulheres *do congo* é que as relações sociais, em que predominam os sentimentos de amor, amizade e cumplicidade, evidenciam o congo como uma prática de re-existência ecologista pois envolve relações sociais entre diferentes.

São mulheres que não se acomodam ao que lhes foi “dado” e lutam por um bem viver coletivo na solidariedade, negociando com amor as tensões e conflitos que emergem na vida. As mulheres do congo não se acomodam e inventam suas práticas de re-existências potencializando autonomias (FREIRE, 2009), no sentido de vidas que criam, que se reinventam no exercício da amorosidade, da alegria, dos encontros, desencontros e reencontros de saberes com afetos.

Assim, as mulheres do congo participaram do processo da pesquisa como sujeitos da história que, em suas lutas de resistência, reinventam o mundo. Durante a pesquisa, no meu envolvimento com as práticas relacionadas ao congo, experienciei as relações que as bandas de congo estabelecem com seu entorno, a maneira como essa interação afeta suas vidas, principalmente porque as pessoas desse grupos vivem em lugares rodeados por uma rica biodiversidade, de mata atlântica, restinga, praias, rios, manguezais, córregos, riachos, lagoas, áreas de preservação ambiental, vilas de pescadores, que resistem ao modo desenfreado de crescimento capitalista.

Ao me envolver com o congo, evidenciei relações de sensibilidade, simpatia, solidariedade, alegria, respeito, liberdade, autonomia, que desconstruem preconceitos raciais, gênero, sociais, religiosos e sexuais dentro dos grupos.

Conclusões

Desse modo, a aposta da pesquisa foi possibilitar ecologias outras, que habitam em mim e nas mulheres do e no congo, que podem ser ecologias inventivas e inventadas pelos sujeitos da história que se envolvem com o congo como prática de re-existência inseparável das relações afetivas entre pessoas de diferentes culturas, residindo aí sua potência para insistir, persistir e resistir até os dias atuais.

Palavras chave: Mulheres do congo. Pesquisa com os cotidianos. Ecologias. Educação. Resistência.

Referências

AUTORA, 2018,

ALVES, Nilda. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: GARCIA, Leite. Regina. (Org.) **Diálogos cotidianos**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Faperj, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**: São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

SPINK, Peter. Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 20, Edição Especial, p. 70-77, 2008.

